O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano VI | Volume 19 | Nº 55 | Boa Vista | 2024

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

https://doi.org/10.5281/zenodo.13357798

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.ioles.com.br/boca

DESEJABILIDADE SOCIAL NO ESTUDO DE ESTEREÓTIPOS DE MINORIAS SOCIAIS: COMPARANDO COLETAS ONLINE E PRESENCIAL[1]

Samuel Figueredo Maia[2]

Luciana Maria Maia[3]

Kaline da Silva Lima[4]

Pollyana de Lucena Moreira[5]

Resumo

Os estudos sobre preconceitos e estereótipos de grupos sociais frequentemente são suscetíveis a desejabilidade social. Isso acontece devido a normas antipreconceito que podem ser ativadas em alguns contextos, como na presença dos pesquisadores nas coletas de dados. Esse estudo objetivou investigar se o tipo de coleta influencia a atribuição de estereótipos de competência e sociabilidade dirigidos a seis grupos minorizados (mulheres, negros, lésbicas, gays, pessoas com deficiência e pessoas indígenas). Para isso, contou-se com uma amostra de 258 estudantes universitários com idades entre 18 e 59 anos (M = 24; DP = 8,00), em sua maioria mulheres, que responderam a medida de estereótipos que avaliam duas dimensões: competência e sociabilidade. Os participantes responderam a escala para seis grupos frequentemente vítimas de preconceito. Um grupo de participantes respondeu à pesquisa de forma online, sem a presença dos pesquisadores (N = 95), e outro grupo respondeu de forma presencial (N = 163), por meio de aplicação coletiva em salas de aula. Os resultados demonstraram diferenças significativas na atribuição de traços de competência entre os tipos de coleta para os grupos de Mulheres e Indígenas, e de sociabilidade para os grupos de Gays e Lésbicas e em ambas as dimensões para o grupo de PcDs, mesmo após controlar as diferenças individuais. Os achados desse estudo reforçam a importância de controle da desejabilidade social nos estudos sobre preconceito e estereótipos. Ao evidenciar menor viés na coleta online, esse método pode ser uma forma de obter dados mais sinceros sobre a expressão de estereótipos e preconceitos.

Palavras-chave: Desejabilidade Social; Estereótipo; Minorias Sociais; Preconceito.

Abstract

Studies on prejudices and stereotypes of social groups are often susceptible to social desirability. This occurs due to anti-prejudice norms that can be activated in certain contexts, such as in the presence of researchers during data collection. This study aimed to investigate whether the method of data collection influences the attribution of competence and sociability stereotypes to six minority groups (women, Black people, lesbians, gay people, people with disabilities, and Indigenous people). A sample of 258 university students aged between 18 and 59 years (M = 24; SD = 8.00), predominantly women, completed a stereotype measure assessing two dimensions: competence and sociability. Participants responded to the scale for six groups frequently targeted by prejudice. One group completed the survey online without the presence of researchers (N = 95), and another group responded in person (N = 163) through collective administration in classrooms. The results showed significant differences in the attribution of competence traits between the types of data collection for the groups of Women and Indigenous people, and sociability traits for the groups of Gay and Lesbian people, and in both dimensions for the group of People with Disabilities, even after controlling for individual differences. The findings of this study reinforce the importance of controlling for social desirability in studies on prejudice and stereotypes. By demonstrating less bias in online data collection, this method may provide more sincere data on the expression of stereotypes and prejudices.

Keywords: Prejudice; Social Desirability; Social Minorities; Stereotype.

[1] A presente pesquisa contou com o apoio institucional do Programa de Bolsas de Iniciação Científica da Fundação Edson Queiroz pela Universidade de Fortaleza (PROBIC/FEQ/UNIFOR)

[2] Mestrando em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (Unifor). E-mail: samuelfigmaia@gmail.com

[3] Professora da Universidade de Fortaleza (Unifor). Doutora em Psicologia Social. E-mail: lucianamaia@unifor.br

[4] Professora da Universidade de Fortaleza (Unifor). Doutora em Psicologia Social. E-mail: kalinelima8@gmail.com

[5] Professora da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Doutora em Psicologia Social. E-mail: pollyana.moreira@ufes.br

INTRODUÇÃO

Os estereótipos sobre grupos minorizados não são crenças fixas; eles se modificam a partir de mudanças socioculturais que alteram a estrutura da sociedade. Esses estereótipos, que são componentes do preconceito, servem como generalizações simplificadas e muitas vezes distorcidas sobre esses grupos. A expressão ou não desses estereótipos depende de diversos fatores, incluindo as atitudes, sentimentos e comportamentos das pessoas em relação a essas crenças, aos indivíduos e grupos alvos. Desse modo, indivíduos podem optar por não expressar seus preconceitos em ambientes que não validam tais ideias. Esse ocultamento de crenças, que seriam socialmente inaceitáveis em determinados contextos, é também conhecido como viés de desejabilidade social. Tal viés influencia igualmente a pesquisa científica, representando uma preocupação particular no estudo dos estereótipos e do preconceito.

Com o crescimento no número de pesquisas com coletas de dados realizadas de forma online, o presente estudo busca contribuir com uma faceta adicional para considerações teóricas e metodológicas sobre a desejabilidade social na atribuição de estereótipos a grupos sociais. O estudo se propõe a responder à seguinte questão: a forma como os dados são coletados (com ou sem a presença dos pesquisadores) afeta a atribuição de estereótipos de competência e sociabilidade direcionados a grupos minoritários?

Parte-se da hipótese de que o viés de desejabilidade social afeta as pesquisas sobre diversas temáticas, incluindo aquelas relacionadas ao estudo de estereótipos e preconceitos, estando o tipo de coleta (presencial vs. online) relacionado ao nível de expressão da desejabilidade social. Assim, este estudo tem como objetivo investigar se o tipo de coleta influencia a atribuição de estereótipos de competência e sociabilidade dirigidos a grupos minoritários. Para isso, o estudo utilizou escalas para mensurar estereótipos de competência e sociabilidade e comparou os dados coletados de forma presencial com os dados coletados de forma online.

O artigo está dividido em cinco seções. A primeira seção apresenta o referencial teórico sobre estereótipos com base no Modelo de Conteúdo dos Estereótipos (MCE), e o conceito de desejabilidade social, discutindo como essa variável pode influenciar resultados de pesquisas. A segunda seção traz o método de pesquisa, e são descritos os instrumentos utilizados, e os procedimentos de coleta e de análise de dados. Na seção de resultados são apresentadas as variáveis sociodemográficas, a média de cada dimensão de estereótipos para cada grupo e, por fim, a comparação entre as amostras. Na quarta seção, os resultados são discutidos, relacionando os resultados com a literatura sobre a temática. Por fim, as considerações finais sintetizam os principais achados, apontam a contribuição desse trabalho para a área,

assim como sugerem direcionamentos para pesquisas futuras.

REFERENCIAL TEÓRICO

Os estereótipos são entendidos como crenças coletivas sobre as características atribuídas a um grupo social, que servem para identificar esse grupo (ALLPORT, 1954). São estruturas cognitivas que possuem as informações que as pessoas associam às categorias sociais (LIMA, 2020). Consistem em crenças partilhadas por várias pessoas acerca de um grupo social, que determinam os julgamentos sobre os membros desse grupo. Essas crenças, julgamentos e avaliações atribuídos a um grupo não representam um conjunto desconexo, mas sim características congruentes que explicam e justificam os porquês de o grupo ser percebido de uma determinada forma (BODENHAUSEN; RICHESON, 2010). Assim, os estereótipos repercutem nas expectativas e nas avaliações sobre os diferentes grupos e seus membros (LIMA, 2020).

O estereótipo é o componente cognitivo do preconceito que, para a psicologia social, é formado por componentes cognitivo, afetivo e conativo, este último também chamado de disposicional. O preconceito é conceituado como uma atitude hostil dirigida a membros de um grupo apenas por pertencerem a esse grupo socialmente desvalorizado (ALLPORT, 1954; LIMA, 2019, 2020). Esse fenômeno não é apenas individual, mas está ligado às relações de poder e dominação presentes nas sociedades (LIMA, 2020). Dessa forma, contribui para cercear os direitos e a dignidade humana de membros de grupos minoritários, gerando desigualdades e exclusão social.

A literatura aponta que nem sempre o preconceito será expresso de modo negativo ou hostil. Em alguns casos, indivíduos ou grupos são tratados de forma paternalista, pois seriam “incapazes” de cuidar de si mesmos ou de mudar a estrutura social, como as pessoas com deficiência ou idosos (FISKE *et al*., 2002; FISKE *et al*., 2007; LIMA, 2019, 2020; MAIA *et al*., 2017). A expressão do preconceito difere em relação ao grupo social, de modo que se apresenta de forma mais negativa contra alguns grupos e de forma “aparentemente positiva” para outros, como mulheres e pessoas com deficiência (FISKE *et al*., 2002; MAIA *et al*., 2017). Assim, entende-se o preconceito como uma atitude-em-contexto, pois o contexto influencia a forma como se expressa, seu conteúdo e intensidade (LIMA, 2019, 2020; PEREIRA; VALA, 2010).

O Modelo de Conteúdo do Estereótipo (MCE) contribui para uma compreensão desse fenômeno (FISKE *et al*., 2002; FISKE *et al*., 2007) ao estabelecer que os estereótipos atribuídos a um grupo são ambivalentes, ou seja, seus conteúdos raramente são exclusivamente positivos ou negativos. Conforme esse modelo, durante situações de interação social, as pessoas avaliam membros de outro grupo quanto

às suas intenções, podendo ser positivas ou negativas, ao mesmo tempo em que avaliam a competência que essas pessoas têm para atingir essas intenções. Essas avaliações referem-se às duas dimensões do conteúdo de estereótipos: a sociabilidade, também chamada de cordialidade, e a competência.

A sociabilidade se refere à percepção de intenções como simpatia, sinceridade, moralidade e confiabilidade; já a dimensão de competência se refere à percepção de características relacionadas à eficácia, habilidade, inteligência e persistência (FISKE *et al*., 2002; FISKE *et al*., 2007). O MCE sugere que certos grupos de referência e protótipos sociais, (e.g., pessoas brancas e de classe média) são comumente percebidos como sendo tanto sociáveis, quanto competentes. Em contraste, muitos outros grupos são alvos de estereótipos ambivalentes, os quais tendem a ser avaliados positivamente em uma dimensão, e negativamente em outra (BAKER; FLORACK, 2021).

Assim, diferentes combinações dessas duas dimensões permitem pressupor quatro tipos diferentes de grupos, cada um evocando diferentes emoções: 1) com alta competência e baixa sociabilidade, que evocam inveja (e.g., grupos de empreendedoras); 2) com baixa competência e alta sociabilidade, que evocam pena (e.g., minorias indígenas); 3) com baixa competência e baixa sociabilidade, que evocam desprezo (e.g., migrantes); e 4) com alta competência e alta sociabilidade, que evocam orgulho (e.g., grupos étnicos majoritários e seus aliados). A esses grupos são associados diferentes estereótipos, resultando em emoções e formas de discriminação específicas (FISKE *et al.*, 2002; FISKE *et al.*, 2007; FISKE, 2017). As imagens variadas permitem que sociedades plurais se diferenciem em ambos os extremos das classificações de *status* socioeconômico (DURANTE; FISKE, 2017).

Lima e Leite (2021) investigaram as relações entre as dimensões do MCE e as manifestações do preconceito racial, em dois estudos. No primeiro, mediram o preconceito implícito e explícito contra negros e identificaram que participantes brancos demonstraram maior preconceito implícito. Não houve diferença significativa na atribuição de estereótipos de sociabilidade entre brancos e negros; contudo os brancos foram considerados mais competentes. Aqueles que atribuíram sociabilidade aos negros apresentaram maior negação do preconceito, enquanto aqueles que atribuíram competência aos brancos mostraram maior afirmação das diferenças. No segundo estudo, a competência foi mais atribuída aos grupos descritos como bem-sucedidos, e a sociabilidade foi influenciada pela descrição dos grupos como amáveis ou frios, independentemente do status social. Curiosamente, negros malsucedidos e amáveis foram vistos como mais competentes do que brancos frios e malsucedidos, sugerindo que os estereótipos são dinâmicos e podem legitimar posições sociais.

O conteúdo dos estereótipos é afetado por aspectos históricos e culturais das relações grupais do local, sendo dinâmicos e atuando como um legitimador das posições sociais dos grupos (LIMA; LEITE,

2021). Quando um grupo não ameaça o *status quo*, costuma ser considerado mais moral e cordial, enquanto grupos que ameaçam essa hierarquia, ou possuem objetivos conflitantes com o endogrupo, são representados como mais agressivos e menos sociáveis (FISKE *et al*., 2002; FISKE *et al.*, 2007; LIMA; LEITE, 2021; NEPOMUCENO; CARVALHO-FREITAS, 2021). Por outro lado, grupos que permanecem em sua posição social e não ameaçam o *status quo* são considerados mais dóceis, mas podem ser tratados com agressividade quando considerados ameaçadores em algum momento (LIMA; LEITE, 2021; MAIA *et al*., 2017; NEPOMUCENO; CARVALHO-FREITAS, 2021). Assim, pode-se dizer que alguns fatores e o contexto social podem predizer a percepção do estereótipo, como o status predizendo a percepção de competência e a interdependência predizendo a percepção de sociabilidade (FISKE *et al.*, 2007).

Ao entrevistarem funcionários com e sem deficiência de uma instituição de ensino superior em Minas Gerais, Nepomuceno e Carvalho-Freitas (2021) procuraram conhecer a percepção desses servidores a respeito das cotas para pessoas com deficiência e compreender os estereótipos atribuídos a este grupo. As autoras identificaram que a dimensão de sociabilidade muda, de alta para baixa, devido a percepção de que as cotas reduzem as vagas disponíveis, além de muitos considerarem como um privilégio que as pessoas com deficiência possuem por desconsiderar o mérito. Além disso, apesar de a maioria dos respondentes apoiarem a Lei de Cotas, identificaram que existia uma dificuldade em expressar suas opiniões desfavoráveis, atribuindo a outros as discordâncias e críticas à Lei (NEPOMUCENO; CARVALHO-FREITAS, 2021).

Kotzur *et al.* (2020) realizaram três estudos para investigar se, e como, o conteúdo dos estereótipos reportados pelos participantes é afetado pela instrução ao responder ao instrumento. Se devem avaliar os grupos sociais a partir de uma perspectiva da sociedade ou de sua perspectiva pessoal. Os autores encontraram que os participantes tendiam a avaliar os grupos de forma mais negativa quando eram orientados a fornecer as opiniões sob perspectiva da sociedade, o que reforça a afirmação de que essa instrução diminui o viés de desejabilidade social. Essa avaliação negativa tende a ocorrer principalmente em uma dimensão já depreciada dentre as duas do MCE.

Desse modo, é perceptível que, como afirmam Fiske *et al.* (2002), os conteúdos dos estereótipos são dinâmicos e contextuais, servindo como legitimação das posições sociais. Grupos sociais podem ser vistos ora como dóceis ora como ameaçadores, a depender da posição que ocupam nas hierarquias sociais e do movimento que fazem para a mobilidade ou mudança social (OKUYAN; VOLLHARDT, 2022).

Norma social e desejabilidade social

As normas sociais são valores compartilhados que guiam o comportamento das pessoas nos grupos ao qual pertencem, indicando o que devem ou não fazer, estabelecendo os comportamentos apropriados e inapropriados em determinados contextos (LOPES; PEREIRA, 2011), e influenciando a ocorrência de comportamentos preconceituosos. Quando em uma sociedade há presença de uma norma mais igualitária, isso favorece a diminuição da expressão flagrante do preconceito (LIMA; VALA, 2004). A presença da norma anti-preconceito em um ambiente faz com que as pessoas necessitem de justificativas para expor seu preconceito. Em sua falta, pode fazer com que as pessoas expressem seus preconceitos de forma mais direta e explícita (PEREIRA; VALA, 2010).

Não é à toa que, com o crescimento de normas sociais igualitárias, o preconceito sofreu alterações nas formas de se expressar. As pessoas passaram a agir de forma menos discriminatória e as pesquisas utilizando metodologias tradicionais (e.g., escalas de autorrelato) indicavam uma redução do preconceito (LIMA; LEITE, 2021; LIMA; VALA, 2004). Contudo, ao analisar com mais cuidado os resultados desses trabalhos, e com a realização de pesquisas usando outras abordagens metodológicas, identificou-se que o preconceito se modificou, possuindo novas formas de se expressar (LIMA; LEITE, 2021; LIMA; VALA, 2004). Assim, pode-se afirmar que as pessoas tendem a agir de forma socialmente desejada pelo grupo ou contexto em que está inserido, moldando e mantendo seus preconceitos, a fim de manter o *status quo* (LIMA; LEITE, 2021).

A desejabilidade social se refere a uma tendência, consciente ou não, da pessoa responder ou agir de forma socialmente aceitável em um determinado contexto, seja ele qual for, fazendo com que o respondente de pesquisas em psicologia social seja apresentado de modo positivo e negando traços socialmente indesejáveis (BURLE; TURGEON, 2020; COSTA, 2020; BISPO JÚNIOR, 2022). Os comportamentos e respostas manipulados para se adequarem ao que seria mais aceito são uma preocupação em pesquisas que envolvem questões sensíveis, como as que investigam preconceito (BURLE; TURGEON, 2020; BISPO JÚNIOR, 2022; KRUMPAL, 2013).

Algumas variáveis influenciam na ocorrência de uma resposta socialmente desejável, são elas: 1) características do contexto em que a pessoa está, desde o ambiente ao redor até o contexto sociopolítico; 2) características pessoais, como traços de personalidade; 3) características dos itens do questionário utilizado; e 4) características do formato da pesquisa, por exemplo, a presença do pesquisador no local da coleta (BURLE; TURGEON, 2020; COSTA, 2020; BISPO JÚNIOR, 2022; KRUMPAL, 2013).

Um estudo de Koivula, Räsänen e Sarpila (2019) descobriu que participantes da *Finnish section of the International Social Survey Program* (n = 1.243) tendiam a expressar atitudes mais negativas em

relação à imigração quando a pesquisa era pelo correio do que um grupo que respondeu questionários pela web. Gamblin *et al*. (2017) descobriram que administrações presenciais e online de escalas como *Right-Wing Authoritarianism* mostraram resultados semelhantes, com respostas online potencialmente tendo menor desejabilidade social devido ao aumento do anonimato. Vesely e Klöckner (2020) destacaram em uma metanálise que, embora as correlações entre desejabilidade social e comportamentos ambientalmente relevantes fossem geralmente pequenas, o efeito da desejabilidade social poderia variar entre os estudos, indicando a necessidade de atenção contínua às suas potenciais influências sutis. Por outro lado, Gnambs e Kaspar (2017), por meio de um estudo metanalítico, evidenciaram que pesquisas não supervisionadas baseadas na web não reduziram os vieses de desejabilidade social em comparação com avaliações tradicionais de lápis e papel.

A literatura evidencia que o efeito da desejabilidade social não é consistente, mas deve ser considerado na análise de resultados de estudos sobre preconceito, seja na metodologia adotada, no contexto em que as pesquisas são realizadas ou da presença do pesquisador durante a coleta (BURLE; TURGEON, 2020; COSTA, 2020; DANFÁ *et al*., 2017; LOPES; PEREIRA, 2011; MIZAEL; ALMEIDA, 2019).

Nesse sentido, a revisão feita por Mizael e Almeida (2019) buscou pesquisas que empregam o *Implicit Relational Assessment Procedure* (IRAP) para investigar vieses e preconceito racial. Dos sete artigos encontrados, os resultados do IRAP indicavam uma maior presença de vieses negativos em relação a pessoas negras do que as medidas explícitas utilizadas. Assim, há evidências de que o formato da pesquisa afeta o resultado e o viés de desejabilidade social.

Já Danfá *et al.* (2017) realizaram uma pesquisa utilizando a teoria das Representações Sociais e manipularam o efeito do pesquisador e a ordem de apresentação dos termos indutores em uma tarefa de associação livre. Alterando a ordem dos termos "*AIDS na África"* e *"Africano"* e a presença dos pesquisadores – um africano e outro brasileiro, as autoras encontraram que, diante do pesquisador africano, surgiram mais estereótipos positivos, como *cultura* e *guerreiro*. Já diante do pesquisador brasileiro surgiram mais estereótipos negativos, como *pobreza*. Esse resultado ocorreu principalmente quando o termo indutor "*Africano*" foi utilizado primeiro, pois é um termo ligado às pessoas que vivem ou vieram da África, enquanto o termo *"AIDS na África"* é um termo impessoal, remetendo a doença em um contexto.

Lopes e Pereira (2011) realizaram dois estudos buscando entender o porquê as pesquisas sobre preconceito mostravam uma tendência de decréscimo do fenômeno, embora isso não parecia se refletir na sociedade. No primeiro estudo, fizeram perguntas que eliciavam a norma antipreconceito e perguntas que não eliciavam essa norma, mas que indicavam a presença do preconceito (percepção de ameaça). Já

no segundo estudo, realizaram as mesmas perguntas para dois grupos, sendo que salientaram a norma antirracismo em apenas um deles. Os resultados mostraram que os participantes evitam emitir opiniões negativas contra um grupo-alvo de preconceito quando estão em um contexto abertamente preconceituoso ou quando a norma antipreconceito está saliente. Já em contextos em que essa norma não está presente ou que oferece justificativas para comportamentos preconceituosos, estes comportamentos aparecem com mais frequência.

Burle e Turgeon (2020) procuraram analisar se as atitudes referentes a diferentes políticas de ação afirmativa (cotas) são propensas ao efeito de desejabilidade social, além de procurar explicações para o fenômeno. Seus resultados mostram que a cota social apresentou o maior viés de desejabilidade social, seguida pela cota racial e pela cota para escolas públicas. Também encontraram evidências que o interesse próprio dos estudantes pode explicar o efeito de desejabilidade social para as cotas sociais e para escolas públicas. O preconceito racial influencia, de modo determinante, na opinião explícita e na opinião sincera sobre a cota racial, enquanto há indícios de que o preconceito social influencia as opiniões referentes a cota social. Além disso, os estudantes de ciências humanas apresentaram maior viés de desejabilidade social em relação à importância dada às de políticas de ação afirmativa, mas ainda informam maior apoio que os estudantes de engenharia (BURLE; TURGEON, 2020).

Maia *et al.* (2017) realizaram um estudo para identificar as representações sociais de minorias em ambiente de trabalho. Além de aspectos relativos às estratégias metodológicas e do contexto social, as autoras encontraram que a expressão do preconceito difere em relação ao grupo social, de modo que se apresenta de forma mais negativa contra negros, homossexuais, pessoas com transtornos mentais; e de forma "aparentemente positiva" para mulheres e pessoas com deficiência. Também é importante assinalar que, para alguns grupos, observam-se mudanças graduais relacionadas à discussão e à luta por igualdade de direitos. Contudo, para outros, essas imagens ainda expressam os obstáculos à inclusão social (MAIA *et al*., 2017).

Diante disso, percebe-se que as normas sociais e o viés de desejabilidade social influenciam na expressão de estereótipos e do preconceito, mas ainda se mantém o questionamento de como a forma que os dados coletados (com ou sem a presença dos pesquisadores) afeta na atribuição de estereótipos de competência e sociabilidade dirigidos a grupos minoritários.

MÉTODO

Participantes

Participaram da pesquisa 258 estudantes universitários de uma instituição privada da cidade de

Fortaleza, dos quais 163 participaram de forma presencial (coleta lápis papel) e 95 participaram de forma online. Considerando a amostra total, os participantes tinham idades variando entre 18 e 59 anos (M = 24,0; DP = 8,00), sendo a maioria do gênero feminino (54,7%), de orientação heterossexual (88,4%), de status de relacionamento solteiro ou namorando (86,8%) e a maior parte de classe média (45,9%) e classe média alta (28,3%). Contudo, 99 participantes (38,4%) não informaram sua classe social.

Instrumentos

Escala de Estereótipos – Criada por Fiske *et al.* (2002), é uma escala do tipo Likert, variando de 1 (nem um pouco) a 7 (extremamente), que procura avaliar minorias sociais em relação a um conjunto de estereótipos. O participante avalia o quanto a pessoa (membro de uma minoria social) pode ser definida com itens segundo as dimensões de sociabilidade (tolerante, afetuosa, boa índole, sincero, amigável, bem-intencionado e confiável) e de competência (competente, confiante, independente, competitivo, inteligente, capaz, eficiente, habilidosa). Nesse estudo, foram avaliados os estereótipos para os grupos de mulheres, negros, gays, lésbicas, pessoas com deficiência (PcDs) e indígenas.

Como instrução para os participantes, foi pedido para responderem, pensando em um contexto de trabalho, de acordo com sua perspectiva. Foi utilizada a frase: “Em que medida considera que os [nome do grupo] são...”, adaptada para cada grupo perguntado.

Questionário sociodemográfico – Este instrumento foi elaborado com objetivo de caracterizar os participantes em relação às variáveis: idade, sexo, curso, orientação sexual, status de relacionamento, filiação/participação política, religião e classe socioeconômica

Coleta de Dados

A coleta presencial foi realizada por três pesquisadoras mulheres, duas negras de pele clara e uma branca, com idades entre 22 e 26 anos. Os participantes foram abordados individualmente, em locais de convivência de uma universidade privada da cidade de Fortaleza, e convidados a participar da pesquisa. Aqueles que aceitaram, foram informados que a pesquisa tinha como objetivo “conhecer o que os universitários pensam sobre a participação de alguns grupos sociais no contexto de trabalho”, e foram esclarecidos acerca das questões éticas. Já a coleta online foi realizada através de um formulário criado no *Google Forms*. O link de acesso foi enviado através de aplicativos de troca de mensagens e redes sociais, bem como enviado por e-mail via coordenação de cursos de graduação de uma Instituição de

Ensino Superior.

Em ambas as coletas foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e, em seguida, os instrumentos de pesquisa. A pesquisa seguiu as Resoluções 466/2012 e 510/2016, sendo submetida e aprovada pelo Comitê de Ética da UNIFOR, conforme parecer 1.525.237/16. As coletas garantiram o anonimato dos participantes. As informações sobre a pesquisa e os esclarecimentos relativos às questões éticas foram fornecidos tanto na coleta online quanto na presencial.

Análise dos dados

A tabulação e análise dos dados foram realizadas com auxílio dos softwares IBM SPSS v.24 e Jamovi v.2.3.28. No Jamovi, foi realizada a checagem da consistência interna, através do coeficiente alfa de Cronbach, para verificar a consistência da estrutura interna das escalas de estereótipos utilizadas em cada amostra.

No SPSS, foram realizadas análises descritivas para caracterização da amostra e dos níveis de *Competência* e *Sociabilidade* em cada tipo de coleta. Em seguida, foram realizadas comparações entre as variáveis sociodemográficas por tipo de coleta, por meio de Testes Qui-Quadrado de Pearson, para testar se as características sociodemográficas dos grupos eram distintas, podendo ser fonte de viés. Por fim, foram realizadas análises de covariâncias (ANCOVAS) com o objetivo de investigar se existiam diferenças estatisticamente significativas entre as dimensões, após controlar possíveis covariáveis: idade, curso e orientação sexual.

RESULTADOS

A medida de estereótipos usada apresentou bons índices de consistência interna, maiores que 0,80, para todos os seis grupos minoritários testados e em ambos os tipos de coleta, presencial e online (Tabela 1).

Ao analisar os dados sociodemográficos da amostra, observa-se que os participantes que responderam à pesquisa de forma online (M = 26,68; DP = 9,13) apresentaram, em média, uma idade superior à daqueles que responderam presencialmente (M = 22,44; DP = 6,83). Em ambos os modos de coleta, houve uma predominância de participantes que se identificaram como mulheres, correspondendo a 51,6% na coleta online e 56,4% na coleta presencial. Em relação ao curso dos participantes, verificou-se que a coleta online contou com uma maior participação de alunos do curso de Direito (34,7%), enquanto na coleta presencial não houve participantes desse curso, predominando alunos dos cursos de

Administração (39,3%) e Medicina (36,2%).

Tabela 1 - Índices de confiabilidade para as dimensões competência e sociabilidade para cada grupo e tipo de coleta

Grupos	*Online*		*Presencial*	
	Competência	*Sociabilidade*	*Competência*	*Sociabilidade*
	α	*α*	*α*	*α*
Mulheres	0,976	0,970	0,881	0,909
Negros	0,989	0,989	0,951	0,949
Gays	0,983	0,976	0,926	0,914
Lésbicas	0,986	0,979	0,944	0,943
PcDs	0,974	0,989	0,887	0,902
Indígenas	0,979	0,986	0,923	0,920

Fonte: Elaboração própria
Nota: α (coeficiente alfa de Cronbach).

Em relação à variável orientação sexual, a amostra coletada de forma online apresentou uma maior proporção de participantes que se identificaram como homossexuais (13,7%) em comparação à amostra presencial (1,9%). Por outro lado, 94% dos participantes da coleta presencial se identificaram como heterossexuais. Quanto à orientação política, 29% dos participantes da amostra presencial afirmaram não se identificar com as categorias de esquerda, centro ou direita, enquanto na amostra online esse percentual foi de 14,8%. No que diz respeito à religião, 53,1% dos participantes da amostra presencial se identificaram como católicos, em contraste com 38,9% da amostra online.

Antes de realizar comparações das associações de estereótipos entre os tipos de coleta, foi necessário verificar se as amostras diferiram entre si. Ao comparar as variáveis sociodemográficas entre os grupos de coleta (online vs. presencial), identificaram-se diferenças significativas nas variáveis idade (t (156) = -3,93, $p < 0,001$), curso (χ^2 (4) = 98,983, $p < 0,001$) e orientação sexual (χ^2 (3) = 16,774, $p < 0,001$) (ver Tabela 2). Essas diferenças podem influenciar as comparações entre as duas formas de coleta.

Foram calculadas as médias obtidas por cada grupo, em cada dimensão e em cada coleta, com o objetivo de mensurar o grau de associação de estereótipos aos diferentes grupos. Na coleta online, os grupos percebidos como mais competentes (dimensão competência) foram negros (M = 5,98; DP = 1,67), lésbicas (M = 5,81; DP = 1,76) e gays (M = 5,80; DP = 1,76). Em relação à dimensão sociabilidade, os grupos com maiores médias foram negros (M = 5,76; DP = 1,70), pessoas com deficiência (M = 5,71; DP = 1,79) e indígenas (M = 5,54; DP = 1,77).

Na coleta presencial, os grupos com as maiores médias na dimensão competência foram negros (M = 6,25; DP = 0,93), mulheres (M = 6,20; DP = 0,72) e lésbicas (M = 6,20; DP = 0,90). Em relação à dimensão sociabilidade, destacaram-se as pessoas com deficiência (M = 6,36; DP = 0,69), seguidas por

indígenas (M = 5,95; DP = 1,00) e negros (M = 5,94; DP = 1,08).

Tabela 2 - Comparação sociodemográfica entre os tipos de coleta

	Online	*Presencial*	*p-valor*
Idade	26,68 (9,13)	22,44 (6,83)	t (156) = -3,93***
Sexo / Identidade de Gênero			χ^2 (1) = 0,657
Feminino	49 (51,6%)	92 (56,4%)	
Masculino	46 (48,4%)	71 (43,6%)	
Curso			χ^2 (4) = 98,983***
Psicologia	29 (30,5%)	38 (23,3%)	
Administração	17 (17,9%)	64 (39,3%)	
Medicina	6 (6,3%)	59 (36,2%)	
Direito	33 (34,7%)	0 (0%)	
Outro	10 (10,5%)	2 (1,2%)	
Orientação sexual			χ^2 (3) = 16,774***
Heterossexual	76 (80%)	152 (94,4%)	
Bissexual	6 (6,3%)	5 (3,1%)	
Homossexual	13 (13,7%)	3 (1,9%)	
Outro	0 (0%)	1 (0,6%)	
Filiação / Participação política			χ^2 (2) = 2,808
Esquerda e Extrema esquerda	27 (16,1%)	25 (16,1%)	
Centro esquerda e direita	33 (34,8%)	49 (31,6%)	
Direita e Extrema direita	21 (22,1%)	36 (23,2%)	
Outra	14 (14,8%)	45 (29%)	
Religião			χ^2 (10) = 10,000
Sem religião / Ateu / Agnóstico	19 (20%)	22 (13,6%)	
Católica	37 (38,9%)	86 (53,1%)	
Protestante/Evangélica	14 (14,7%)	20 (12,3%)	
Espírita	4 (4,2%)	9 (5,6%)	
Acredita no Deus cristão	20 (21,1%)	20 (12,3%)	
Outras	1 (1,1%)	5 (3%)	

Fonte: Elaboração própria.
Nota: * $p < 0,05$, ** $p < 0,01$, *** $p < 0,001$.

É interessante notar que o grupo de negros foi considerado o mais competente em ambas as coletas e o mais sociável na coleta online. Em contraste, as pessoas com deficiência receberam uma avaliação mais baixa na dimensão de competência em ambas as coletas. Na coleta online, o grupo de gays foi visto como menos sociável, seguido pelo grupo de lésbicas (ver Tabela 3).

Por fim, as atribuições de competência e sociabilidade foram comparadas entre os tipos de coleta. Para isso, as variáveis sociodemográficas que divergiram entre as coletas foram controladas por meio de uma análise de covariância (ANCOVA). Os resultados da ANCOVA revelaram uma diferença significativa na dimensão de competência para os grupos de mulheres (p = 0,019; *partial*-η^2 = 0,046), pessoas com deficiência (p = 0,017; *partial*-η^2 = 0,017) e indígenas (p = 0,046; *partial*-η^2 = 0,038) entre as duas formas de coleta, mesmo após o controle das variáveis sociodemográficas. Para os grupos de

gays (p = 0,061; *partial*-η^2 = 0,035) e de lésbicas (p = 0,058; *partial*-η^2 = 0,036), os resultados foram marginalmente significativos.

Tabela 3 - Médias das dimensões de competência e sociabilidade para cada grupo e tipo de coleta

Grupos	Online		Presencial	
	Competência	Sociabilidade	Competência	Sociabilidade
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)
Mulheres	5,76 (1,68)	5,35 (1,71)	6,20 (0,72)	5,80 (1,01)
Negros	5,98 (1,67)	5,76 (1,70)	6,25 (0,93)	5,94 (1,08)
Gays	5,80 (1,76)	5,31 (1,80)	6,18 (0,88)	5,89 (1,06)
Lésbicas	5,81 (1,76)	5,32 (1,80)	6,20 (0,90)	5,90 (1,09)
PcDs	5,44 (1,79)	5,71 (1,79)	5,98 (0,87)	6,36 (0,69)
Indígenas[ab]	5,55 (1,79)	5,54 (1,77)	6,01 (1,00)	5,95 (1,00)

Fonte: Elaboração própria

Nota: Todas as diferenças foram significativas nas comparações entre as dimensões realizadas dentro de cada grupo, exceto para as comparações realizadas para o grupo de indígenas ([a] p = 0,847 – coleta online; [b] p = 0,485 – coleta presencial).

Na dimensão sociabilidade, os resultados mostraram diferenças significativas para os grupos gays (p = 0,005; *partial*-η^2 = 0,057), lésbicas (p = 0,006; *partial*-η^2 = 0,055) e pessoas com deficiência (p < 0,001; *partial*-η^2 = 0,083). Os resultados para os grupos de mulheres (p = 0,083; *partial*-η^2 = 0,032) e indígenas (p = 0,052; *partial*-η^2 = 0,037) foram marginalmente significativos.

É interessante observar que os resultados para o grupo de pessoas com deficiência diferiram significativamente entre as amostras em ambas as dimensões, apresentando o maior tamanho de efeito, tanto em competência quanto em sociabilidade. Em contraste, o grupo de negros foi o único que não apresentou diferença em nenhuma das dimensões. Por fim, os grupos que pertencem a minorias sexuais (gays e lésbicas) mostraram diferenças entre as coletas apenas na dimensão sociabilidade (ver Tabela 4).

Tabela 4 - Diferenças nas dimensões competência e sociabilidade entre os tipos de coleta controlando as covariáveis idade, curso e orientação sexual

Grupos	*Dimensões*	
	Competência	*Sociabilidade*
Mulheres	F (4, 255) = 2,993; p = 0,019; *partial*-η^2 = 0,046	F (4, 255) = 2,089; p = 0,083; *partial*-η^2 = 0,032
Negros	F (4, 255) = 1,698; p = 0,151; *partial*-η^2 = 0,026	F (4, 255) = 1,188; p = 0,317; *partial*-η^2 = 0,019
Gays	F (4, 255) = 2,278; p = 0,061; *partial*-η^2 = 0,035	F (4, 255) = 3,773; p = 0,005; *partial*-η^2 = 0,057
Lésbicas	F (4, 255) = 2,312; p = 0,058; *partial*-η^2 = 0,036	F (4, 255) = 3,662; p = 0,006; *partial*-η^2 = 0,055
PcDs	F (4, 255) = 3,061; p = 0,017; *partial*-η^2 = 0,047	F (4, 255) = 5,688; p < 0,001; *partial*-η^2 = 0,083
Indígenas	F (4, 255) = 2,463; p = 0,046; *partial*-η^2 = 0,038	F (4, 255) = 2,388; p = 0,052; *partial*-η^2 = 0,037

Fonte: Elaboração própria.

DISCUSSÃO

Esse estudo pretendeu testar se o tipo de coleta influencia a atribuição de estereótipos de competência e sociabilidade dirigidos a grupos minoritários. Partimos da hipótese de que o viés de desejabilidade social afeta a atribuição de estereótipos, sendo que o tipo de coleta de dados (online vs. presencial) influencia o nível de expressão da desejabilidade social. Esperava-se que na coleta online (com ausência do pesquisador) houvesse menor ativação da desejabilidade social, expressa pela diferença na atribuição de competência e sociabilidade em comparação com a coleta presencial.

Essa hipótese foi parcialmente confirmada, pois os resultados obtidos parecem indicar que a presença de desejabilidade social mais acentuada na coleta presencial, mas para apenas alguns dos grupos analisados. Algumas médias das dimensões foram estatisticamente diferentes. Além disso, as médias obtidas na coleta presencial foram mais altas do que as obtidas na coleta online para todas as dimensões em todos os grupos. Esses valores são um indicativo de que ocorreram respostas socialmente desejáveis, principalmente na coleta presencial, pois a privacidade da coleta online diminui a possibilidade de a desejabilidade social influenciar nas respostas dos participantes (BISPO JÚNIOR, 2022; KRUMPAL, 2013).

Observou-se que o contexto e a presença das pesquisadoras durante a coleta presencial possivelmente influenciaram a ocorrência de desejabilidade social. Danfá *et al*. (2017) encontraram algo similar, ao observar que a nacionalidade dos pesquisadores que realizaram a coleta influenciou a quantidade de representações e estereótipos negativos obtidos. Mesmo garantido o anonimato e a ausência física dos pesquisadores durante a coleta, a presença dela, assim como de outras pessoas em volta, pode ter salientado a norma antipreconceito.

Como as mulheres obtiveram mais estereótipos de competência do que de sociabilidade, é possível supor que, ao fazer referência ao contexto de trabalho, os participantes pensaram em "mulheres de negócios", um grupo categorizado por alta competência e baixa sociabilidade (FISKE *et al.*, 2002; MAIA *et al.*, 2017). Contudo, houve discrepância apenas na dimensão competência, sugerindo que muitos podem atribuir alta competência às mulheres devido à norma social.

Apesar de o grupo alvo de indígenas possuir uma média de competência maior do que de sociabilidade, foi visto como pouco competente e mais sociável do que os outros grupos, sendo o segundo grupo com menor atribuição de competência e o terceiro visto de modo mais sociável. O resultado obtido neste trabalho pode ocorrer devido a imagem negativa de um povo primitivo, parado no tempo, uma representação muitas vezes reproduzida pelo ambiente escolar (CORREIA; MAIA *et al.*, 2021) e que reflete uma percepção da era colonial (CORREIA; MAIA *et al.*, 2021; ERHART; HALL,

2019). Esse resultado vai ao encontro de Erhart e Hall (2019), em que nativos norte-americanos foram vistos como menos competentes e sociáveis que asiáticos americanos e afro-americanos. Quanto à diferença das amostras, apenas a dimensão competência foi significativa, enquanto a dimensão sociabilidade foi parcialmente significativa, o que pode indicar uma possível diferença em amostra maior.

Quanto às pessoas com deficiência, normalmente são vistas como muito sociáveis, mas não competentes (CANTON *et al*., 2023; FISKE *et al.*, 2002). Esse padrão se manteve neste estudo, sendo que, em ambas as coletas, esse grupo obteve a menor média na dimensão competência e algumas das maiores na dimensão sociabilidade. Contudo, a comparação entre as coletas encontrou indícios de que há viés de desejabilidade social, pois se costuma associar a essas pessoas características de coragem e bravura por enfrentar os desafios do cotidiano (CANTON *et al*., 2023), assim como os termos "superação", "preconceito" e "esforço" são socialmente associados a esse grupo (MAIA *et al.*, 2017). Assim, os participantes podem não querer expor opiniões divergentes a esses estereótipos. Esse resultado vai ao encontro de outros trabalhos (MAIA *et al.*, 2017; NEPOMUCENO; CARVALHO-FREITAS, 2021). Importante considerar que, por se tratar de uma amostra composta principalmente por universitários envolvendo o mercado de trabalho, é possível que os interesses pessoais tenham afetado como em Burle e Turgeon (2020), Maia *et al*. (2017) e Nepomuceno e Carvalho-Freitas (2021), apesar de ser menos provável, já que não há um indicativo de concorrência de vagas.

Como o grupo de pessoas com deficiência é formado por indivíduos com diversos tipos de deficiências, necessidades e relações com a sociedade (e.g. deficiência física, deficiência mental, transtorno mental etc.), os estereótipos a esses grupos também podem se apresentar de maneiras diferentes (CANTON *et al*., 2023), assim como podem ser afetados pelo viés de desejabilidade social de diferentes formas.

Quanto aos gays, o resultado indicou que eles foram mais vistos como competentes do que como sociáveis, tendo maiores médias de competência na coleta presencial. Esse resultado foi diferentemente do encontrado por Fiske *et al.* (2002), Mize *et al.* (2018) e Vaughn *et al.* (2017), em que homens gays são vistos como mais sociáveis do que competentes. Porém, só houve diferença entre as coletas para a dimensão sociabilidade.

Lésbicas foram vistas como mais competentes do que sociáveis nas duas coletas, sendo percebidas como mais competentes na coleta presencial. No entanto, apenas a dimensão sociabilidade apresentou diferença estatisticamente significativa entre as coletas. Esse resultado corrobora o encontrado em outros estudos (FISKE *et al.*, 2002; MIZE *et al.*, 2018; VAUGHN *et al.*, 2017). No caso de lésbicas, a competência pode estar associada à percepção de masculinidade. Em Mize *et al.* (2018), as

médias de competência de lésbicas foram as que mais se aproximaram das médias de homens heterossexuais, quando comparados a outros grupos. Já em Vaughn *et al.* (2017), as médias de competência de lésbicas foram as mais altas entre homens e mulheres bissexuais e homens gays, mas só foi estatisticamente diferente de homens bissexuais.

Mize *et al.* (2018) e Vaughn *et al.* (2017) também destacam a importância de considerar grupos favorecidos e desfavorecidos no estudo dos estereótipos de minorias sexuais, bem como a diversidade da amostra, incluindo as atitudes entre minorias sexuais. É interessante notar que, neste estudo, a diferença entre as coletas para os grupos gays e lésbicas ocorreu apenas para a dimensão sociabilidade. Esta diferença pode ter sido influenciada pela composição da amostra, mas também pode estar relacionada às percepções socialmente associadas a esses grupos, além de ataques de grupos que associam a população LGBTQIA+ a promiscuidade, associação a pedofilia, etc. (LIONÇO *et al*., 2018). São necessários mais estudos para investigar essas hipóteses.

Era esperado que as médias obtidas na coleta presencial fossem superiores, especialmente porque duas das pesquisadoras que realizaram a coleta eram negras. Contudo, apenas para o grupo de negros não houve diferença significativa entre os diferentes tipos de coleta. Isso pode significar que os estereótipos para esse grupo estão bem consolidados entre os participantes. Também pode ter ocorrido devido à forte presença da norma antirracista entre os participantes, mesmo com o maior anonimato na coleta online. Também é possível que, como foi pedido para concordassem com as características dos grupos, isso pode ter eliciado a norma antipreconceito, aumentando uma imagem positiva contra o grupo. Dessa forma, pode-se considerar que os participantes podem ter omitido suas verdadeiras crenças, já que não havia justificativas que as legitimassem (LOPES; PEREIRA, 2011; PEREIRA; VALA, 2010).

Um fator que pode influenciar na manifestação de respostas socialmente desejáveis está relacionado aos itens da escala utilizada (COSTA, 2020; KRUMPAL, 2013). Como a escala procura avaliar as minorias sociais em um conjunto de estereótipos de forma direta, é possível que as pessoas tenham evitado negar opiniões negativas ou preconceituosas sobre o grupo alvo (KRUMPAL, 2013; LOPES; PEREIRA, 2011). Dessa forma, a própria escala utilizada nesta pesquisa pode ter eliciado respostas enviesadas, pois, ao abordar as crenças pessoais sobre minorias sociais, pode ter salientado a norma antipreconceito. Contudo, como as médias das respostas obtidas na coleta em lápis e papel foram maiores do que as obtidas na coleta online, possivelmente outros fatores também tenham influenciado a ocorrência de respostas socialmente desejáveis.

É fundamental destacar o ambiente sócio-político em que a coleta foi realizada, pois o contexto social e político, assim como o ambiente físico e cultura, pode influenciar as respostas dos participantes

(LIMA; LEITE, 2021; LIMA, 2019; LOPES; PEREIRA, 2011; NEPOMUCENO; CARVALHO-FREITAS, 2021;). Como apontado por Lima (2019), o crescimento do conservadorismo/reacionarismo tem ocorrido em diversos países, incluindo o Brasil. Desde os protestos de 2013 até a eleição de um presidente de extrema direita em 2018, discursos preconceituosos ganharam força no país. Esse ambiente sócio-político contribuiu para uma redução das políticas de combate à desigualdade social e aumentou a exposição das minorias sociais ao preconceito de forma mais aberta (LIMA, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O viés de desejabilidade social pode influenciar estudos em diversas áreas e sobre várias temáticas, especialmente em pesquisas sobre estereótipos atribuídos a grupos minorizados. Os resultados obtidos sugerem que a coleta online pode minimizar o impacto desse viés em comparação com a coleta presencial, devido ao anonimato oferecido pelo ambiente digital. Assim, a coleta de dados online não só pode ser mais prática para os pesquisadores, mas também pode ajudar a reduzir a influência do viés de desejabilidade social em estudos sobre preconceito.

Outro resultado interessante é que os estereótipos atribuídos ao grupo de negros não apresentaram diferenças significativas entre as coletas. Isso pode indicar que o efeito da desejabilidade social afeta menos os estereótipos dirigidos a negros em comparação com outros grupos, pois estes estariam mais consolidados. Em relação aos grupos gays e lésbicas, que pertencem a minorias sexuais, as diferenças entre as coletas foram observadas apenas na dimensão de sociabilidade, com esses grupos apresentando as menores médias em ambas as coletas. Esse padrão pode estar associado a estereótipos específicos, como associações com promiscuidade e pedofilia, que podem influenciar a percepção de sociabilidade desses grupos. Contudo, essas interpretações devem ser consideradas com cautela e contextualizadas com base nos dados específicos desta pesquisa.

Este trabalho não está isento de limitações. Em primeiro lugar, a desejabilidade social não foi diretamente medida, o que limita a profundidade na investigação desse viés. Em segundo lugar, a amostra é composta por estudantes universitários, portanto não é representativa da população brasileira. Além disso, como a pesquisa foi realizada com universitários de diferentes cursos, é possível que o conhecimento e as normas sociais das áreas específicas possam ter influenciado nas respostas dos participantes, mesmo controlando essa variável na amostra.

Ademais, não foram coletados dados sobre a raça dos participantes, nem informações sobre possíveis deficiências. Outra limitação refere-se à escala de estereótipos utilizada. É interessante a realização de novos estudos que investiguem o impacto da desejabilidade social na coleta de dados

online em comparação com métodos como lápis e papel, utilizando instrumentos que não suscitam normas sociais antipreconceito.

Apesar das limitações, o presente trabalho oferece evidências adicionais da presença do viés de desejabilidade social em pesquisas sobre estereótipos, trazendo importantes contribuições e novos dados sobre os estereótipos de competência e sociabilidade em grupos sociais. Estudos adicionais são necessários para superar o impacto da desejabilidade social em pesquisas que utilizam escalas de autorrelato, visando obter resultados mais confiáveis. Ademais, futuras pesquisas podem avançar nessa questão por meio de diferentes delineamentos metodológicos, como o uso de modelos de questionamento indireto, como o modelo cruzado estendido, que pode ajudar a detectar e mitigar respostas socialmente desejáveis (MEISTERS; HOFFMANN; MUSCH, 2020), bem como a medição direta da desejabilidade social para controle estatístico (BERNARDI; NASH, 2023).

Estudos futuros poderiam contextualizar situações que não envolvam a empregabilidade, para testagem desse fenômeno em diferentes situações. Além disso, poderiam incluir a apresentação de grupos majoritários para verificação de que esse efeito ocorre apenas para grupos desvalorizados socialmente. Outro aspecto interessante seria a aplicação de medidas de preconceito e discriminação após o teste de estereótipos, para investigar os possíveis efeitos da desejabilidade social na expressão concreta de atitudes e comportamentos sociais. Por fim, este estudo poderia ser replicado com a participação de pesquisadores pertencentes a todas as minorias sociais listadas no instrumento, para avaliar o impacto da pertença grupal dos pesquisadores nos resultados.

REFERÊNCIAS

ALLPORT, G. W. **The nature of prejudice**. London: Wesley, 1954.

BAKER, A.; FLORACK, A. "Uncovering men's stereotype content (warmth and competence) associated with a representative range of male body size categories". **Body Image**, vol. 37, 2021.

BERNARDI, R. A.; NASH, J. "The importance and efficacy of controlling for social desirability response bias". **Ethics and Behavior**, vol. 33, n. 5, 2023.

BISPO JÚNIOR, J. P. "Viés de desejabilidade social na pesquisa qualitativa em saúde". **Revista de Saúde Pública**, vol. 56, 2022.

BODENHAUSEN, G. V.; RICHESON, J. A. "Prejudice, stereotyping, and discrimination". *In*: BAUMEISTER, R.; FINKEL, E. **Advanced Social Psychology**. New York: Oxford University Press, 2010.

BURLE, F. R.; TURGEON, M. "Ação afirmativa e desejabilidade social". **Opinião Pública**, vol. 26, 2020.

CANTON, E.; HEDLEY, D.; SPOOR, J. R. "The stereotype content model and disabilities". **The Journal of Social Psychology**, vol. 163, n. 4, 2023.

CORREIA, S.; MAIA, L. M. "Representações sociais do "ser indígena": uma análise a partir do não indígena". **Psicologia: Ciência e Profissão**, vol. 41, 2021.

COSTA, A. R. L. **O controle de desejabilidade social via diferentes formatos de resposta**: avaliação da tríade sombria (Tese de Doutorado em Psicologia). Campinas: USF, 2020.

DANFÁ, L. *et al*. "Preconceito e descontextualização normativa: considerações metodológicas ilustradas pelas representações sobre AIDS na África e Africano". **Psychologica**, vol. 60, n. 2, 2017.

DURANTE, F.; FISKE, S. T. "How social-class stereotypes maintain inequality". **Current Opinion in Psychology**, vol. 18, 2017.

ERHART, R. S.; HALL, D. L. "A descriptive and comparative analysis of the content of stereotypes about Native Americans". **Race and Social Problems**, vol. 11, 2019.

FISKE, S. T. *et al*. "A model of (often mixed) stereotype content: Competence and warmth respectively follow from perceived status and competition". **Journal of Personality and Social Psychology**, vol. 82, n. 6, 2002.

FISKE, S. T. *et al*. "Universal dimensions of social cognition: Warmth and competence". **Trends in cognitive sciences**, vol. 11, n. 2, 2007.

GAMBLIN, B. W. *et al*. "Comparing in-person, Sona, and Mechanical Turk measurements of three prejudice-relevant constructs". **Current Psychology**, vol. 36, 2017.

GNAMBS, T.; KASPAR, K. "Socially desirable responding in web-based questionnaires: A meta-analytic review of the candor hypothesis". **Assessment**, vol. 24, n. 6, 2017.

KOIVULA, A.; RÄSÄNEN, P.; SARPILA, O. "Examining social desirability bias in online and offline surveys". *In*: HUMAN-COMPUTER INTERACTION. **Perspectives on Design**: Thematic Area. Orlando: Springer International Publishing, 2019.

KOTZUR, P. F. *et al*. "'Society thinks they are cold and/or incompetent, but I do not': Stereotype content ratings depend on instructions and the social group's location in the stereotype content space". **British Journal of Social Psychology**, vol. 59, n. 4, 2020.

KRUMPAL, I. "Determinants of social desirability bias in sensitive surveys: a literature review". **Quality and Quantity**, vol. 47, n. 4, 2013.

LIMA, M. E. O. "O que há de novo no "novo" racismo do Brasil?". **Revista Ensaios e Pesquisas em Educação e Cultura**, vol. 4, n. 7, 2019.

LIMA, M. E. O. **Psicologia social do preconceito e do racismo**. São Paulo: Editora Blucher, 2020.

LIMA, M. E. O.; LEITE, M. F. "Conteúdo dos Estereótipos e Preconceito Racial: Efeitos da Cordialidade e da Competência". **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol. 37, 2021.

LIMA, M. E. O.; VALA, J. "As novas formas de expressão do preconceito e do racismo". **Estudos de psicologia**, vol. 9, 2004.

LIONÇO, T. *et al*. "'Ideologia de Gênero': estratégia argumentativa que forja cientificidade para o fundamentalismo religioso". **Revista Psicologia Política**, vol. 18, n. 43, 2018.

LOPES, R. L.; PEREIRA, C. R. "O impacto da norma anti-racista nas respostas a inquéritos sobre preconceito". *In*: ANTÔNIO, J. H. C.; POLICARPO, V. P. (orgs.). **Os imigrantes e a imigração aos olhos dos portugueses**: Manifestações de preconceito e perspectivas sobre a inserção de imigrantes. Lisboa: Editora Edições 70, 2011.

MAIA, L. M. *et al*. "Minorias no contexto de trabalho: uma análise das representações socais de estudantes universitários". **Psicologia e Saber Social**, vol. 6, n. 2, 2018.

MEISTERS, J.; HOFFMANN, A.; MUSCH, J. "Controlling social desirability bias: An experimental investigation of the extended crosswise model". **PloS One**, vol. 15, n. 12, 2020.

MIZAEL, T. M.; ALMEIDA, J. "Revisão de estudos do Implicit Relational Assessment Procedure sobre vieses raciais". **Acta Comportamentalia**, vol. 27, n. 4, 2019.

MIZE, T. D.; MANAGO, B. "The stereotype content of sexual orientation". **Social Currents**, vol. 5, n. 5, 2018.

NEPOMUCENO, M. F.; CARVALHO-FREITAS, M. N. "Estereótipos de pessoas com deficiência: competência versus cordialidade na questão das cotas". **Interação em Psicologia**, vol. 25, n. 1, 2021.

OKUYAN, M.; VOLLHARDT, J, R. "The role of group versus hierarchy motivations in dominant groups' perceived discrimination". **Group Processes and Intergroup Relations**, vol. 25, n. 3, 2022.

PEREIRA, C. R.; VALA, J. "Do preconceito à discriminação justificada". **In-Mind_Português**, vol. 1, 2010.

VAUGHN, A. A. *et al*. "Stereotypes, emotions, and behaviors toward lesbians, gay men, bisexual women, and bisexual men". **Journal of Homosexuality**, vol. 64, n. 13, 2017.

VESELY, S.; KLÖCKNER, C. A. "Social desirability in environmental psychology research: Three meta-analyses". **Frontiers in Psychology**, vol. 11, 2020.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano VI | Volume 19 | Nº 55 | Boa Vista |2024

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima